

LEITURA DO LIVRO: ENSINO HÍBRIDO - PERSONALIZAÇÃO E TECNOLOGIA DA EDUCAÇÃO

Tiago Pereira da Silva Souza

Graduando em Gestão da Tecnologia da Informação – Instituto Federal do sertão Pernambucano

BACICH, L.; TANZI NETO, A.; TREVISANI, F. M. (Org.). **Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso, 2015.

A obra “Ensino híbrido: personalização e tecnologia da educação”, organizada por Lilian Bacich, Adolfo Tanzi Neto, Fernando de Mello Trevisani, é composta pela produção de quatorze autores que desenvolveram pesquisas e práticas do Grupo de Experimentações em Ensino Híbrido desenvolvido pelo Instituto Península e pela Fundação Lemann.

Trata, em dez capítulos e diversos anexos, da articulação entre a tecnologia e a educação, pensando a estruturação do currículo escolar como forma de renovação da prática na sala de aula. Isso, dentro de um contexto de personalização do ensino e de intervenções afetivas, de modo que a formação do professor, a dinamização das práticas em sala de aula e fora dela possam se dar num caráter inovador. O livro é fruto da pesquisa de 16 professores do grupo, que lecionaram em instituições públicas e privadas do Brasil, durante oito meses de pesquisa.

No primeiro capítulo da obra, escrito por José Moran, “Educação Híbrida: Um conceito-chave para a educação, hoje”, o autor dá o conceito do que se trata o caráter híbrido da educação: uma educação que combina espaços, tempo, atividades e metodologias favorecendo a mobilidade e a conectividade entre alunos e professores. Atualmente, graças à tecnologia, esse processo está bem mais perceptível. Moran afirma que “híbrido é um conceito rico, apropriado e complicado” (pág.27), o que, no decorrer do capítulo, vai sendo fortalecido pela exemplificação.

O aspecto inicial reiterado nesse contexto é o de que a sociedade é híbrida, pois, todos os dias, mesmo sem perceber, ensinamos e aprendemos das mais variadas formas possíveis. Isso, para o autor, reflete a educação híbrida, pois, nesse universo de saber, não apenas a diversidade de matérias das mais diferentes áreas é acessada, mas também a conexão entre alunos e professores, os quais aprendem mutuamente os conhecimentos socializados, aponta caminhos novos e mais dinâmicos ao ensino, cuja realidade já conta com aulas *online*, aulas fora do ambiente tradicional da sala escolar, como viagens entre outras formas de produção e aprendizagem.

É, portanto, através da ênfase nos valores e competências que se pode ter uma maior visão sobre uma aprendizagem ampla, integrada e desafiadora. Citando Singer (2006, p. 33), Moran ressalta o impulso pessoal que a educação híbrida causa na vida do indivíduo: “Aprender é se tornar capaz de fazer o que antes não conseguimos”.

No segundo capítulo, “Personalização e tecnologia na educação”, produzido por Lilian Bacich, Adolfo Tanzi Neto e Fernando de Mello Trevisani, os autores ressaltam que os alunos de hoje não aprendem como os do passado, os tempos mudaram, novas ferramentas surgiram para serem usadas a favor da educação, sem esquecer os quatro pilares que Delors e outros colaboradores criaram em uma proposta didática em meados de 1996 “aprender a aprender”, “aprender a fazer”, “aprender a ser” e “aprender a conviver”.; A atual geração de alunos está imersa no mundo virtual e não se contenta com a mesmice, ficando impacientes e entediados com a forma de ensino ultrapassada. Assim, a abordagem mostra que o ensino híbrido abre novas perspectivas para transformar a educação.

Fernando Schneider, autor do terceiro capítulo, “Otimização do espaço escolar por meio de modelo de ensino híbrido”, afirma que o uso da tecnologia na educação ainda é uma grande dificuldade, visto que a maioria dos professores ainda é resistente a adequar sua prática docente ao dinamismo tecnológico. Schneider afirma que a revolução das TICs (Tecnologias da Comunicação e da Informação) tem impulsionado essa mudança, embora ainda não tenha conseguido revolucionar a educação.

Schneider reitera a importância de lutar contra o fracasso escolar a partir do combate a causas como falta de motivação e de análise subjetiva do aluno, fatores biológicos, emocionais, familiares e culturais. E enfatiza que os *smartphones*, *tablets*,

internet, entre várias outras ferramentas digitais, que podem auxiliar no ensino, e mudar a realidade atual, uma nova maneira de educar.

O quarto capítulo, “O professor no ensino híbrido”, escrito por Leandro Holanda Fernandes de Lima e Flavia Ribeiro de Moura afirma que a internet surgiu em 1980, mas passou a ser realmente utilizada nos computadores domésticos no ano de 1994. Defendem que foi o primeiro grande salto do avanço tecnológico, que, com o passar dos anos, foi intensificado pela criação de *softwares*, *sites*, plataformas, redes sociais entre outras coisas que são importantes fontes de informação, quando utilizados da forma correta.

Lima & Moura ressaltam, ainda, o papel do docente na utilização das tecnologias digitais, referenciando, com clareza e coerência, a interação com o aluno como o relevante porquê de gestores e professores se articularem para inserir a escola na revolução tecnologia. Notadamente, existem muitas dificuldades a serem vencidas quanto à inclusão digital no Brasil.

“Espaços de aprendizagem”, o quinto capítulo, do autor Glauco de Souza Santos, traz a abordagem da escola como um mecanismo de ascensão social, considerando que há, nesse contexto, jovens das mais variadas classes sociais com acesso ao ensino, capaz de transformar realidades.

No entanto, Santos reflete sobre o arcaísmo na prática educacional de muitos, na qual o professor ainda é o centro de informações, mesmo num mundo de revolução digital, em que o aluno tem acesso às mais diversas fontes de informação. Reitera que as instituições de ensino e os docentes podem e devem buscar novas formas de melhorar a aprendizagem, de acordo com o perfil dos seus discentes.

No sexto capítulo da obra, “A avaliação e a tecnologia: a questão da verificação de aprendizagem no modelo de ensino híbrido”, o autor, Eric Freitas Rodrigues, questiona: “Já imaginou o quão chato seria fazer as mesmas coisas todos os dias até terminar o ensino médio?” (pg. 120). Hoje, tem-se um padrão na forma de avaliar o ensino na maioria das instituições, onde os alunos fazem trabalhos e avaliações durante o período de um ano dividido em quatro bimestres. Até em séries mais avançadas, docentes passam pesquisas cuja maioria é apresentada por discentes com plágios, que, geralmente, recebem ótimas notas. Rodrigues reitera que o ensino híbrido tem suas marcas evidenciadas na forma de avaliação.

“As tecnologias digitais no ensino híbrido” é o sétimo capítulo da obra e foi escrito por Alessandro Sunaga e Camila Sanches de Carvalho. Os autores defendem a ideia de que, para que o ensino híbrido possa ser introduzido nas escolas, uma boa infraestrutura é necessária, com acesso à *internet* de qualidade, computadores, *smarthplones* ou qualquer outro dispositivo que possa se conectar à grande rede. Hoje temos AVAS (Ambiente Virtual de Aprendizagem), que podemos chamar de “Sala de Aula na *Internet*”, que permite interação, avaliar desempenho dos discentes e tornar tudo mais interessante. Se o docente não estiver familiarizado com a tecnologia, o ideal é pedir auxílio para quem tem um pouco mais de conhecimento e dedicar-se para se adaptar.

O oitavo capítulo da obra, “Quando a inovação na sala de aula passa a ser um projeto de escola”, escrito por Verônica Cannatá, traz a abordagem sobre o ensino híbrido como um meio que pode e deve ser introduzido nos Projetos Políticos Pedagógicos das instituições, já que, neles, temos pontos cruciais que norteiam a prática educacional no país. Cannatá enfatiza que esse mecanismo favorece o intento da formação do alunocidadão. Nesse ponto, a autora conclama diretores, professores e os outros sujeitos da educação a contribuírem com essa mudança.

Rodrigo Abrantes da Silva e Ailton Luiz Camargo, autores do nono capítulo da obra, “A cultura escolar na era digital: O impacto da aceleração tecnológica na relação professor-aluno, no currículo e na organização escolar”, de A cultura escolar, a resistência dos docentes quanto à tecnologia e a falta de investimento na educação são fatores que contribuem para que o ensino no Brasil, não seja bem-sucedido. Com resultados cada vez mais camuflados, a educação está longe de ter a qualidade necessária. Melhorar o engajamento discente-docente é essencial, quebrar barreiras, usar os recursos disponíveis da melhor maneira possível é muito importante, pois mundo de hoje é mais digital que analógico muito diferente de décadas atrás.

No décimo capítulo, “Planejando a mudança”, Lilian Bacich, Adolfo Tanzi Neto e Fernando de Mello Trevisani tratam da elaboração de planos de ensino híbrido, defendendo a importância do planejamento. Evidenciam que, a partir dele, o educador tem noção do que é possível ou não fazer dentro da instituição de ensino. Nesse capítulo, há exemplos de vários planos e dicas de como se pode trabalhar o ensino híbrido.

De fato, a obra é absolutamente relevante para que gestores, docentes e todos os atores envolvidos no contexto educacional possam repensar suas práxis, considerando as tecnologias como um aliado nessa busca pela revolução na educação brasileira. É uma obra-auxílio aos profissionais da educação dispostos a mudar o rumo das coisas.